

As duas faces da negociação

William Waack

Washington — O ministro Funaro não parecia consternado quando ouviu, dos jornalistas, a péssima reação do governo americano às propostas centrais do Brasil para renegociação de sua dívida externa. "Cada um entende do próprio país", comentou Funaro. "Mas estive até agora com Baker e os outros (ministros das finanças dos países ricos) e todos eles me deram a idéia de flexibilidade."

A diferença entre o discurso de Funaro (otimista deixando entrever um compromisso com os governos credores) e a realidade (até agora, nenhum dos representantes desses governos deu sinais em público de aceitar a tese) está levando alguns de seus próprios assessores a especular sobre o que estariam acontecendo a portas fechadas, isto é, quando Funaro se encontra a sós com gente como James Baker (secretário do Tesouro norte-americano) ou Gerhard Stotemmer (ministro das Finanças alemão).

"Está escrito na cartilha de qualquer negociação diplomata que você não diz lá dentro da sala a mesma coisa que diz lá fora aos jornalistas", comentava um importante assessor de Funaro. "Pode ser isto que esteja acontecendo dos dois lados".

"Ao americanos realmente jogam pesado, principalmente através da imprensa", observou outro assessor do ministro brasileiro. "Mas a gente também não está só assistindo."

Quer dizer, nesse pôquer complicado, não apenas Funaro estaria blefando. Até agora, o ministro sugeriu — depois de corrigir uma própria indiscrição com outras indiscrições — que os países ricos estariam dispostos a quebrar duas regras (não fixadas por escrito) e admitir que um país acertasse a dívida oficial sem ter de dirigir-se ao FMI. Contudo, por mais benevolente que seja a interpretação das palavras que ministros dos ricos pronunciaram até agora, nenhum admitiu essa possibilidade.

"Vamos supor que até essa questão do Artigo 4 acabasse sendo aceita, e vamos supor que o relatório da missão do Fundo do Brasil fosse excelente", comenta um alto funcionário do Banco Mundial, bastante familiarizado com negociações brasileiras. "Quem ficaria mais tarde responsável pelo acompanhamento das medidas econômicas brasileiras? E se os credores tiverem algum palpite ou sugestão, como fariam para efetivá-las?"

Por incrível que apreça, um dos principais aliados até agora do Brasil tem sido o próprio

diretor-gerente do FMI, Jacques de Larosière, que deixa seu posto no final do ano. Funaro e Larosière, o ministro brasileiro estava empenhado pessoalmente nas negociações que o México acabou concluindo na noite de terça-feira com os bancos comerciais. Mas ignorando os apelos do Fundo, do governo americano e do próprio Funaro, os bancos permaneceram numa posição considerada extremamente rígida e impuseram ao México *spreads* que decepcionaram visivelmente o ministro brasileiro.

"Teria sido melhor para nós se o México tivesse conseguido condições mais favoráveis", comentou Funaro.

A impulsividade de Funaro, de qualquer maneira, às vezes surpreende seus colaboradores mais próximos. Ou o ministro diz alguma coisa que seus assessores consideram prematuro e arriscado (como a idéia de estabelecer um prazo para que os credores forneçam as respostas que Funaro deseja) ou ele quebra alguns rituais diplomáticos caros à velha tradição de negociação.

"Funaro e Bracher foram os únicos que se levantaram pouco antes que o presidente Reagan começasse seu discurso na Assembléia do FMI", observou experiente diplomata. É claro que não havia nenhuma intenção negativa por detrás disso (Funaro tinha um encontro com importante banqueiro) mas, por coincidência, só os principais chefes da delegação brasileira faltavam quando também o secretário do tesouro, James Baker, fazia seu discurso, com a casa repleta. Agora imagine no Brasil se o delegado americano sai da sala antes do presidente Sarney discursar numa importante assembléia multilateral", prosseguiu.

Na delegação brasileira, há muita gente que vê as negociações entre Funaro, os governos credores e o Fundo Monetário como um momento histórico realmente particular. As conversas são sobretudo políticas, pois a argumentação brasileira coloca em xeque alguns dos princípios e precedentes fundamentais para os países ricos e aquilo que eles chamam de estabilidade do sistema financeiro internacional.

Ainda falta, na opinião de diversos assessores de Funaro, averiguar com calma o que se disse nas diversas reuniões a portas fechadas, principalmente com representantes do governo americano. Só então seria possível estabelecer com precisão que diferença há entre o que o governo brasileiro diz e a verdadeira disposição dos credores — e só então ficaria clara a força da ducha fria que Funaro levou ontem.

Editorial Emoções Epidérmicas